

APRENDIZAGEM COLABORATIVA: O USO DO FACEBOOK COMO METODOLOGIA ATIVA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Ana Lúcia Guimarães¹

Abstract: *In current times with the massive use of social networks, we need to be attentive to the use and use of these resources to favor learning. In the specific case of Facebook, we see that most of the students use this social network routinely and often also do not realize that they can make a use of it for team work, aiming for a more collaborative learning. In this work, we have as fundamental theme to demonstrate that the use of social network - Facebook can be applied as an active teaching methodology in Higher Education. It is about showing how social media, notably Facebook, can be used to organize, accompany and carry out interactions and collaborative learning with students of Higher Education.*

Keywords: *Collaborative Learning, Facebook, Social Networking, Active Methodologies, Interaction.*

Resumo: *Em tempos atuais com o uso massivo das redes sociais, precisamos estar atentos ao uso e aproveitamento desses recursos para o favorecimento da aprendizagem. No caso específico do Facebook, vemos que grande parte dos alunos usa esta rede social de forma rotineira e muitas vezes também não percebem que podem fazer um uso da mesma para trabalho de equipes, visando uma aprendizagem mais colaborativa. Nesse trabalho, temos como temática fundamental demonstrar que o uso da rede social - Facebook pode ser aplicado como metodologia ativa de ensino na Educação Superior. Trata-se de mostrar como a mídia social, notadamente o Facebook, pode ser utilizado para organizar, acompanhar e realizar interações e aprendizagem colaborativa com alunos da Educação Superior.*

Palavras-chave: *Aprendizagem Colaborativa, Facebook, Rede Social, Metodologias Ativas, Interação.*

¹ Doutora/Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Professora e Pesquisadora UNISUAM RJ /DESUP FAETEC
profanaluciaguimaraes@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A temática do uso das redes sociais na educação como uma prática de aplicação da tecnologia ao processo de produção de novas aprendizagens mediante a relação educação e tecnologia, vem sendo uma realidade cada vez mais próxima das salas de aula sejam elas presenciais ou à distância. Com esta percepção de que nós educadores temos que criar e produzir metodologias mais ativas e que suscitem abordagens do uso da tecnologia a favor da aprendizagem decidi que trabalhar com uma rede social, o *Facebook*, que tem uma grande adesão e que é considerada massiva por grande parte da população e, sobretudo, pelos estudiosos desta perspectiva, poderia ser um fator dinamizador e diferencial para produção de saberes, trocas e aprendizagens em Ciência Política, uma disciplina com características mais teóricas, e que os alunos, na maioria das vezes, sentem certa resistência por ser esta ministrada com esta característica de aulas mais expositivas. Portanto, percebemos que usar o *Facebook* poderia atrair, movimentar e interessar mais aos alunos que estando no quarto período de diversos Cursos de graduação, pois a disciplina era obrigatória, entre eles, Administração, Ciências Contábeis, Publicidade, Turismo e Direito. Assim, iniciamos o trabalho com esta proposta de Metodologia Ativa e Aprendizagem colaborativa.

Nesse sentido, com este artigo, temos como alvo mostrar como a mídia social, notadamente o *Facebook*, pode ser utilizada para organizar, acompanhar e realizar interações e aprendizagem colaborativa com alunos da Educação Superior. A principal pergunta que nos levou ao desenvolvimento desta experiência é como o uso das mídias sociais em especial, o *Facebook*, pode contribuir para aprendizagem em trabalhos de grupo com alunos da Educação Superior? Nossa hipótese inicial dizia que o uso rotineiro do *Facebook* como uma rede social de massa pelos alunos poderia colaborar para seu uso e aceitação como recurso pedagógico e que também poderia servir como um recurso facilitador e atraente para uma aprendizagem dinâmica e inovadora.

Com estas ideias iniciamos a investigação e experiência da questão com foco em três objetivos fundamentais: demonstrar o uso das redes sociais como recurso de interação e produção de saberes; apresentar o uso do *Facebook* como ferramenta para organizar, elaborar e acompanhar trabalhos de grupos de alunos da educação superior; produzir novas metodologias de ensino e aprendizagem.

Consideramos relevante debater os conceitos de Metodologias Ativas na Educação Superior, Aprendizagem Colaborativa, Redes Sociais e Educação e para que possamos entender mais sobre a proposta desenvolvida.

2 METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Para Valente (2014) temos como grande desafio na Educação Superior manter os alunos com atenção nas aulas desenvolvidas em sala e também fazer com que estejam buscando estar na universidade. Além da criação de uma proposta acessível para a grande demanda de busca pelo Ensino Superior. Assim, o autor defende que é preciso redefinir o modelo de transmissão de informações e conhecimentos que ainda regem as metodologias e processos de ensino-aprendizagem na educação superior. Para ele, é preciso entender o novo papel do processo de ensino-aprendizagem em tempos atuais. Esta nova dimensão de dinamizar a construção da aprendizagem deve voltar-se para uma abordagem que envolva o aluno como protagonista e de maneira que possa organizar o conhecimento de forma que facilite sua recuperação e aplicação. Para ele, ao ser convidado a adotar uma postura mais ativa na construção de sua formação, o aluno constrói novos conhecimentos e pode conseguir aplicá-los em diferentes situações concretas.

Ao nos referirmos ao pensamento acima, estamos com isso, querendo explorar mais a ideia de que a Educação Superior pode e deve investir na relação que o uso de tecnologia, sobretudo a digital pode oferecer na construção dessas novas formas de ensinar e aprender. Valente (2014) introduz a ideia de que ao se falar em *blended learning*, estaríamos no cerne de uma abordagem estudada nos Estados Unidos que demonstra cada vez mais como estudantes na educação formal vem sendo submetidos a uma mistura de momentos em que estudam os conteúdos e instruções usando recursos on-line, e outros em que o ensino ocorre em uma sala de aula, podendo interagir com outros colegas e com seu professor.

Mas, antes de retomarmos esta ideia de que é necessário iniciar novas propostas de ensino na Educação Superior, conforme nos mostra o autor acima mencionado, e de fato, é o que nos leva a definição de nossa experiência nesse trabalho, devemos definir o conceito de metodologias ativas.

Segundo Moran (2015) se queremos alunos da educação superior e demais segmentos de ensino, sejam proativos, precisamos utilizar metodologias em que eles se envolvam em atividades intensamente desafiadoras, com tomada de decisões e avaliação dos resultados, para isto tem de haver apoio de materiais relevantes. Para desenvolver a criatividade nos alunos, segundo o autor, é necessário que os educadores ofereçam a eles a chance de experimentar novas possibilidades de revelar esta iniciativa.

Ainda para Moran (2015) devemos aprender sempre perto do que vamos vivenciar. Portanto, falar de metodologias ativas é entender que estas são pontos de partida para a

concepção de uma educação com reflexão, integração cognitiva, de generalização, e reelaboração de novas práticas.

Em seu olhar, os componentes necessários para o sucesso da aprendizagem voltam-se para a criação de desafios, atividades, jogos com competências necessárias para diferentes etapas, com informações pertinentes, possibilitando desenvolvimentos individuais e colaborações coletivas, com o uso de plataformas adaptativas, baseadas em tecnologias adequadas e que promovam a interação permanente na aprendizagem.

Com isso, somos capazes de entender o que Valente (2014) faz referência quando nos convoca a promover o ensino híbrido na Educação superior: híbrido no tempo, no espaço e no uso das tecnologias. No caso, o *blended learning*, em suas abordagens, inclusive já aqui referido, consiste em fazer com que o novo perfil do aluno ativo, possa aprender com os referenciais metodológicos que a tecnologia hoje, por exemplo, rouba facilmente sua atenção para produzir, compartilhar e recriar conhecimentos e informações.

Dito de uma forma mais direta, as metodologias ativas tendem a oferecer abordagens mais dinâmicas com propostas de recursos materiais e pedagógicos mais interativos, contextuais, que podem envolver e atrair mais as novas gerações de alunos que chegam aos bancos das Universidades e que estão precisando obter formação em nível superior dentro da perspectiva do aprender fazendo, que se inscreve nos parâmetros dos pilares da educação do Século XXI, como nos mostra Delors (1998). Na atualidade, precisamos reconhecer sobretudo, que as tecnologias digitais, redes sociais e aplicativos colaboram de forma significativa com esta orientação. Principalmente, porque incentivam a interação e a aprendizagem colaborativa.

3. APRENDIZAGEM COLABORATIVA

Não poderíamos deixar de definir e ampliar a compreensão deste conceito para nossos estudos, uma vez que a educação superior tem necessitado cada vez mais da troca e da aprendizagem coletiva. O que podemos produzir de conhecimentos, saberes e intervenções organizados por um olhar de colaboração.

Segundo Behrens (2005), as Universidades precisam trabalhar com o novo desafio de preparar os alunos para uma ideia de educação continuada, a aprendizagem ao longo da vida, por isso, os professores precisam redefinir práticas pedagógicas para avançar em direção a modelos de ensino que não sejam apenas fornecedores de informações aos alunos. É preciso usar a rede informatizada para acessar aos alunos e atender as demandas da atual sociedade. Nesse formato, para a autora, o professor passa a ser um investigador, um pesquisador, que

produz conhecimento crítico e reflexivo, sendo parceiro e articulador da aprendizagem de seus alunos.

A autora ainda destaca que o aluno deve passar a ser mais ativo como já mencionamos aqui, e receber conhecimentos para sua cidadania e vida pessoal e profissional, que ajuda a construir interagindo com o docente e com os colegas. Para ela, uma abordagem colaborativa de aprendizagem precisa contar com apoio de professores e gestores institucionais no sentido de tornarem-se sensíveis aos projetos criativos e desafiadores, pois esta forma de ensinar e aprender, pressupõe incluir em suas salas de aulas demandas que ultrapassem o espaço físico das mesmas e incorporem cada vez mais oportunidades e recursos de espaços virtuais e presenciais para a criação de interações com foco na resolução de problemas reais. Tais interações se darão de professor para professor, de aluno para aluno, de aluno para professor e vice versa. Enfim, uma aprendizagem que considera o conhecimento como um todo e que precisa ser compartilhado em rede para sua reelaboração, a partir das redes e teias de interconectividade que podem ser criadas.

Vemos também em Delors (1998) que a redimensão das práticas pedagógicas para o formato mais colaborativo implica na percepção de que professores e alunos passam a ser parceiros de um projeto comum, que instiga a cooperação, a colaboração, preparando de fato o aluno para enfrentar às exigências da sociedade vigente.

Tais contribuições somam ainda mais com a leitura de Levy (1993) que enfatiza a organização do conhecimento a partir de três formas: a oral, a escrita e a digital. As três formas acontecem e devem acontecer juntas, no entanto, o autor destaca o quanto é importante termos uma atenção com a rede digital que vem facilitando e aumentando a velocidade da comunicação. O mesmo que Kensky (1998) também faz referência quando destaca que é necessário não somente pensar que o estilo digital de educação necessita obrigatoriamente de uso de novos equipamentos para a produção e retenção de saberes, mas fundamentalmente, a produção de novos comportamentos de aprendizagem, com novas racionalidades e novos estímulos perceptivos. Em sua visão, trata-se de conquistar processos metodológicos que apresentem maior amplitude de significados para aprender.

A partir dessas construções, consideramos que a aplicação de uma metodologia de ensino e aprendizagem que possa utilizar a rede social como um recurso de aprendizagem colaborativa encontra respaldo na gama variada de demandas que o perfil de alunos e demandas sociais suscitam a todo instante em nossa realidade.

4. REDES SOCIAIS, CONECTIVISMO E EDUCAÇÃO

Ao estudar o conceito de conectivismo na educação, Siemens (2004) nos revela que a inclusão da tecnologia e da ideia de realizar conexões como atividades de aprendizagem direciona as teorias de aprendizagem para o que chama de idade digital. Essa percepção do autor também nos conduz para o entendimento que a aprendizagem em rede digital torna o conhecimento acessível e possibilita o que apresentamos acima a aprendizagem colaborativa. O autor também chama a atenção para o fato de que falar em conectivismo deixa nos evidente a ideia de que os fundamentos das decisões estão em constante processo de mudança e que as informações estão sendo construídas e adquiridas de forma contínua também, por isso, é necessário ter habilidade de reconhecer que novas informações podem redefinir decisões já tomadas e instituir a crítica.

Um outro aspecto abordado por Siemens (2004) refere-se ao fato de que o indivíduo é o ponto de partida do conectivismo e seu conhecimento ao ser posto em rede alimenta todo um processo de aprendizagem, que por sua vez alimenta de volta, sempre provendo provendo a aprendizagem para todos envolvidos, que desenvolve um ciclo de manutenção de conhecimentos e informações de forma atualizada.

Para Couto & Santos (2010) as redes sociais são relações entre as pessoas que podem ser mediadas por sistemas informatizados ou não. Eles apontam que estas relações provocam mudanças e influências na vida das pessoas, a partir de métodos de interação. Ao recorrer aos estudos de Recuero(2009) os autores ainda identificam que denomina rede social com um entendimento de duas dimensões principais: a das pessoas, grupos ou instituições, sendo estas os nós das redes e a que se refere a conexões, sendo constituída de laços sociais e interações. Em seus estudos, sinalizam ainda que o conhecimento deve ser transmitido nas redes sociais do ciberespaço como fenômenos amplos e distintos dos chamados softwares sociais. O conhecimento é construído no processo. Com isso, vemos o quanto a rede social colabora para essa tessitura de saberes e informações, como significam os autores, uma teia de laços que produzem resultados de aprendizagem e que devem abrir múltiplas possibilidades de articulação das ideias, questões, problemas e hipóteses levantadas por alunos e professores nas redes sociais, que são mediadas pela tecnologia e seus softwares sociais da internet.

A noção de ciberespaço e cibercultura, conceitos elaborados no pensamento de Levy (1999) ganham materialidade com as trocas e produções promovidas pelas redes sociais. O autor demonstra que os grupos humanos em rede podem constituir verdadeiros coletivos inteligentes. Os saberes evoluem em velocidade e ganham muito mais vida e dinâmica com a

construção de novos conhecimentos em rede. Ele trabalha com conceitos que denotam ideias de aprendizagens permanentes e personalizadas que são criadas através da navegação na web, orientação de alunos no espaço virtual, aprendizagens cooperativas, inteligência coletiva e comunidades virtuais. Todos conceitos que se fundam na interação, originada nas redes sociais.

Sobre a ideia de cibercultura e ciberespaço, Santos (2011) define estes como espaços multirreferenciais de aprendizagem, ou seja, aqueles que contemplam e articulam tempos, espaços linguagens e tecnologias para além dos que já são legitimados pela tradição da ciência moderna. Segundo a autora, a capilaridade do acesso à rede em nível mundial somado a influência das tecnologias digitais, afeta diretamente os cotidianos nas mais plurais dimensões. As redes sociais são em si, para ela, a própria forma de comunicação. Aponta ainda que, esta expressão foi criada pelo antropólogo John Barnes da Universidade de Manchester em 1954, significando interconexão de sujeitos e objetos técnicos em rede. E que trazido para a internet define-se como um fenômeno que conecta praticantes com interesses comuns que interagem colaborativamente a partir da mediação sociotécnica.

As redes sociais não podem mais deixar de ser consideradas na vida de quase todos os indivíduos em contextos atuais. Elas têm produzido muitas interações e trocas afetivas e de saberes em comunidades de aprendizagem, já que funcionam como agente facilitador do compartilhamento de informações, de temáticas debatidas nas salas de aulas, também como promotor de organização de grupos de estudo e trabalho. Não podemos deixar de reconhecer o que Castells (1999) nos revelou sobre o fato de que sociabilizar-se em rede é o termo que dá significado as interações sociais no mundo ocidental e nos países desenvolvidos através da internet. Este modelo de sociedade está fundado em nosso cotidiano e move nossas relações com o mundo, a partir das trocas digitais.

A pergunta então é será que não podemos utilizar as redes sociais a favor de criar aulas mais personalizadas, com possibilidades de flexibilização, colaboração, em um universo em que os desafios são complexos e diferenciais. Com esta questão motivei-me ainda mais a iniciar minhas experiências com o *Facebook* em sala de aula.

4.1. O USO DO *FACEBOOK* COMO ESTRATÉGIA DE APRENDIZAGEM COLABORATIVA

Mattar (2013) considera que o uso das redes sociais, sobretudo, do *Facebook*, tem se ampliado de forma significativa entre jovens em nosso País e no cenário mundial. Segundo ele, relatos identificam que o alto grau de interatividade e a presença gigantesca de estudantes fazem

dle uma poderosa ferramenta para a educação. Sua contribuição é ampla na medida em que oferece recursos de compartilhamento de conteúdos em grupos, construção colaborativa de conhecimento, perspectiva de realização de Fóruns para debate temático, o que o credencia para servir como espaço de aprendizagem, certamente com o acompanhamento de professores e da Instituição onde o processo se dá.

Também Coutinho & Quartiero (2009) afirmam que os sujeitos são levados a crer em saberes diferenciados, compartilhados através da conectividade que as redes virtuais oferecem, e assim, seguem consumindo, imagens, textos, programas, vídeos, uma vez que a linguagem é profundamente tocada por estas relações de significados e significantes, bem como os sistemas de crenças e códigos culturais e históricos.

Especificamente sobre o *Facebook*, Kirkpatrick (2011) nos conta que o mesmo foi criado em 2003, como rede social, por Mark Zuckerberg, com propostas de *plugins* sociais, as denominadas opções de curtir, comentar e compartilhar, com uma ideia de diagrama social, que integra e relaciona pessoas. Isto é, o usuário da rede social, ao conectar-se nela pode distribuir todo tipo de informação para outros usuários. O que Mattar (2013) chama de uma necessidade que todos têm de estarem conectados a outros seres e com a internet é possível se conectar em rede social de diferentes maneiras e formas. São milhares de conexões das pessoas em ambientes virtuais, atendendo a necessidade humana da convivência social e da comunicação. Então, ela é valiosa para o processo educacional porque além de possuir uma linguagem de possibilidade construtivista, marca o constante processo de interação de alunos.

Para Mattar (2013) as redes sociais conectam as pessoas por diversos motivos, associações que as afeta umas as outras. Portanto, para ele, no contexto escolar, usar uma rede social oportuniza novas formas experienciais de ensino e aprendizagem. Ainda para ele, o *Facebook* possibilita o contato com as tecnologias e uma gama bem variada de pessoas, além de criar ambiente que leva a reflexão antes de qualquer manifestação e exposição para uma sistematização sobre determinada informação. Por isso, o *Facebook* vem ocupando espaço valioso como plataforma para a comunicação na educação.

Também Minhotos e Meirinhos (2011) ao pesquisarem sobre potencialidades da rede social, *Facebook*, para o desenvolvimento das competências sociocognitivas da disciplina de Biologia do 12º ano do curso humanístico de Ciências e Tecnologias da Escola Secundária Abade de Baçal, em Bragança, Portugal, com quinze alunos durante dez semanas desenvolvendo atividades como partilha de conteúdos, discussão de temas em fóruns, participação em *wikis*, construindo de forma colaborativa, o conhecimento, verificaram a partir de aplicação de questionários, houve um aumento do envolvimento dos alunos, da

comunicação, da colaboração e da partilha de informações, do desenvolvimento crítico e reflexivo, do estímulo à troca de informações e argumentações. O que os levou a concluir que para se ter sucesso no uso desta rede social é preciso envolvimento de docentes e discentes pois a interação compreende diferenciados níveis de conhecimento e experiências.

4.2. APRENDIZAGEM COLABORATIVA: RELATANDO O USO DO *FACEBOOK* COMO METODOLOGIA ATIVA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

A experiência que relatamos foi desenvolvida com alunos, de uma turma mista da Educação Superior de uma Instituição da rede privada de ensino, que se encontravam no quarto período, e com a disciplina de Ciência Política no ano de 2014, como já relatamos aqui. Esta turma como dissemos mista em formações, era composta por diferentes Cursos, Administração, Ciências Contábeis, Publicidade, Turismo e Direito. De qualquer forma, vale destacar que os alunos destas formações sempre consideram uma disciplina não muito específica de sua área de formação, uma aprendizagem que seja não muito agradável ou muito bem-vinda. Em se tratando de Ciência Política, inclusive, muitos sempre chegam à sala de aula, achando que vão debater discutir política partidária e que, portanto, os conteúdos não terão muito ligação com a formação que estão lá para conquistar. Dessa forma, imaginávamos encontrar tais resistências. E, por isso mesmo, pensamos em buscar na tecnologia um apoio a mais para prender a atenção daqueles alunos.

Assim, as aulas dividiram-se em parte teórica, na qual trabalhamos os clássicos da Política, como Aristóteles, Sócrates, Platão, Hobbes, Locke, Rousseau, Maquiavel, Weber e Marx e suas teorias sobre poder e sociedade. Autores e teorias que colaboram para pensar o papel da liderança e relacionamentos de poder e corporativo no mundo do trabalho. Foi exatamente na segunda avaliação que introduzimos na modalidade de avaliação denominada Seminário, o uso do *Facebook*, e a partir de agora relatamos como foi construído e realizado o trabalho.

4.2.1. Metodologia adotada

A metodologia de trabalho foi desenvolvida a partir da organização de seminários com temas presentes na ementa da disciplina. Inicialmente, formamos times, que chamamos de Gts, grupos de trabalho. Eles mesmos os constituíram. Pedimos, então, que escolhessem um nome

e uma imagem para representar cada time. A escolha da imagem foi aliada a própria discussão sobre possuir uma marca, uma identidade que defina o potencial de ação e criatividade da equipe. Dissemos a eles que pesquisassem qual seria seu Avatar, na linguagem de marketing digital, sua identidade de grupo que expressasse seu alvo de atuação. Após estas definições, escolhemos temas e datas das apresentações. Então, informamos a eles que para este trabalho, estaríamos criando um grupo no *Facebook* e que os avaliariamos, acompanhando o desenvolvimento dos trabalhos pelas postagens guiadas que seriam solicitadas aos times. Pronto, foi uma preocupação imediata por todos. Uns alegavam não ter tempo para ver a rede social e outros que não gostavam ou queriam ter *Facebook*. Nesse momento, tiramos da cartola toda nossa habilidade pedagógica para convencê-los que pode e deve ser uma experiência dinâmica, moderna, inovadora e que podem aprender a competir e alcançar resultados favoráveis com este trabalho. Trabalhamos com eles a ideia de visualização, de exposição da sua produtividade, necessidade de organização, divisão de tarefas e trabalho em equipe. Os que não tinham ou não queriam ter *Facebook*, foram convencidos de que só criariam para estar naquele grupo e realizar o trabalho.

Criamos o grupo com o nome de GT de Ciência Política, com dia e turno da disciplina e adicionamos o líder de cada time e o mesmo, foi adicionando seus colegas de equipe. Ao criar o grupo de acompanhamento dos seminários, definimos logo as regras de postagem. Bem o grupo tinha um foco e não podíamos perdê-lo. As regras se voltavam justamente para esta perspectiva, postar fotos de trabalho, das reuniões, textos, dúvidas, ideias, cronograma de trabalho da equipe, divisão das tarefas na mesma, interações e ao final das apresentações os slides apresentados para a turma com fotos ou vídeos temáticos. A primeira postagem foi de boas vindas dos grupos, com nome e Avatar correspondente. Podemos assegurar que ao longo do trabalho, todos se sentiram motivados e cada vez mais competitivos, porque queriam alcançar os pontos que somariam com a prova. A experiência foi um sucesso. Alguns queriam ainda postar debate sobre eleições, pois o ano era este, mas logo os chamamos *inbox* e explicamos novamente o objetivo do trabalho e o aluno retirava a postagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta experiência, observamos que a resistência inicial dos alunos foi diluída com os valores que foram estimulados ao longo do processo de ensino e aprendizagem: Competição profissional, colaboração entre os grupos, monitoramento de atividades, motivação, criatividade e sociabilidade, interação, participação e interesse. Dessa forma, o que os autores

aqui defenderam sobre a apropriação das redes sociais em favor da aprendizagem e a produção de novas formas de ensinar e aprender foi uma construção muito significativa com os alunos envolvidos nesta experiência.

Por que podemos usar o *Facebook* para diferenciar as aulas? Porque esta geração de alunos precisa entender que é possível utilizar esta rede social como grande aliado na construção de sua *performance* profissional. Claro está que cada um pode usar seu *Facebook* como desejar, mas é preciso ter clareza de que postamos escolhas e escrevemos, compartilhamos ou debatemos como pensamos ou como queremos que pensem ou entendam quem somos ou podemos ser. A educação do século XXI mostra que é preciso estar preparado para sermos vários sem deixarmos de ser nós mesmos. A aprendizagem colaborativa integra novas formas de produção de conhecimentos e do fazer ciência em tempos atuais.

Considerando nossos estudos, vemos que a criação de outras metodologias para a construção social do conhecimento é cada vez mais presente apoiada no suporte que as tecnologias podem oferecer no saber-fazer docente. Não se trata de desconsiderar este ou aquele método de ensino e aprendizagem, mas sim de considerar o método que funcionou em meio a tantos desafios postos pelos novos perfis e diagnósticos das demandas discentes e da própria necessidade de atualização de propostas e estratégias para um novo modelo de mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

- Behrens, M. A. (2000). Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, José Manuel. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas – SP: Papirus. pp. 2-4
- Coutinho, L. M; Quartiero, E. M. (2009, jan/jul) *Cultura, mídias e identidades na Pós-modernidade*. Perspectiva: Florianópolis, 27 (1), pp. 54-55
- Couto J.; D. R.; & Santos, R. (2010). A tessitura do conhecimento numa Rede Social da Internet: um estudo netnográfico na interface *Facebook*. In. *Anais do V Simpósio Nacional ABCiber*. (pp.4) . Florianópolis.
- Kenski, V. M. (1998, maio/ago) Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. *Revista Brasileira de Educação* 8, pp.49-51
- Mattar, J. (2013). *Web 2.0 e redes sociais na educação*. São Paulo: Artesanato Educacional.

- Santos, E. (2011). "A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos." *Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias*. Recuperado em 07 de maio, 2015, de <http://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/6179>.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Delors, J. (Coord.) (1998). Os quatro pilares da educação. In: *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortezo.
- Lévi, P. (1993). *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*, São Paulo.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. Rio de Janeiro. (4).
- Minhoto, P. meirinhos, M. (2011). *O Facebook como plataforma de suporte à aprendizagem da Biologia*. Editora: Instituto Politécnico de Bragança. Biblioteca Digital de IPB. Pp.118-119
- Móran, J. (2017). Mudando a educação com metodologias ativas. In: Souza, Carlos Alberto. Morales, Ofelia Elisa Torres (orgs). *Coleção Mídias Contemporâneas*. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. (2). Recuperado em 28 de abril, 2017, de <<http://uepgfocafoto.wordpress.com>>
- Siemens, G. (2006). Connectivism: Learning Theory or Pastime of the Self-Amused? *Elearnspace*. Recuperado em 02 de maio, 2017, de <http://usuarios.upf.br/~teixeira/livros/conectivismo%5Bsiemens%5D.pdf>
- Valente, J. A. (2014). Blended Learning e as Mudanças no Ensino Superior: a proposta da sala de aula invertida. *Educar em Revista*, (4), Paraná. Recuperado em 16 de agosto, 2017, de <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe4/0101-4358-er-esp-04-00079.pdf>

OUTRAS FONTES

- Estudos de Marketing Digital. (2017). *Sobre Marketing Digital*. Recuperado em 07 de maio, 2017, de <<http://www.criarnegociosonline.com/o-que-e-um-avatar-em-marketing-digital/>>